

2990
GRAUS

ADILSON XAVIER

2990 GRAUS

A ARTE DE QUEIMAR
NO INFERNO

© Adilson Xavier

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Projeto gráfico e diagramação
Vanessa Sayuri Sawada

Diretora comercial
Patth Pachas

Capa
Paulo Caetano

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Preparação
Beatriz de Freitas Moreira

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Impressão
Loyola

Assistente editorial
Olivia Tavares

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Xavier, Adilson
2.990 graus: A arte de queimar no inferno / Adilson Xavier. – 1. ed. –
São Paulo: Panda Books, 2017. 320 p.

ISBN: 978-85-7888-662-2

1. Ficção brasileira. I. Título.

17-42174

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

2017

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 — São Paulo — SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

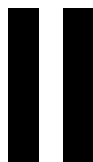
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal

Aos que, apesar de tudo, versejam.



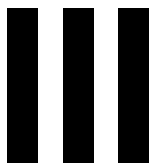
AQUECIMENTO

- 14 Cheiro
- 24 Fumaça
- 36 Ardor
- 44 Fervor
- 60 Faíscas
- 73 Labaredas



VARREDURA

- 99 Sopro
- 116 Brisa
- 127 Vento
- 149 Lufadas
- 159 Vendaval
- 168 Redemoinho
- 192 Vórtice
- 202 Tornado
- 212 Ciclone
- 217 Tufão
- 223 Tormenta
- 233 Furacão



SOTERRAMENTO

- 241 Sem vestígios
- 248 Inspirar / Expirar
- 257 Espreitar
- 263 Sufocar
- 269 Fresta



ENXURRADA

- 281 Nuvens carregadas
- 287 Temporal
- 302 Lama
- 307 Poeira

O fogo que purifica é o mesmo que incinera
O vento zoneando a rua é o mesmo que assovia
A água, que lava, passa, benze e sacia
É a mesma da enchente, que de repente afoga
E "afoga" remete ao fogo que sempre espalha
A palha que ao vento não mais crepita
Cinza que voa, arruaça, esfumaça
Sombra transmudada em nuvem pesada
Que chove no rosto, jorra ardida
Perdida, salgada, suplício que grita
Chama, brasa, brisa, raios, cúmulus, nimbos, pingos!
Tudo queimado
Triste destino
Tudo encharcado
Triste paisagem
Alma ou lama
São quatro letrinhas
Fora de ordem
Fora dos olhos
Borrão na maquiagem.

-- Hermano --

AQUECIMENTO



CHEIRO

Por mais imprecisa que seja, toda verdade nasce pra ser absoluta. Verdade é a versão que prevalece, embute negação de inexatidões e incertezas, exclusão de pontos de vista divergentes. É por isso que a verdade nos engana.

Depois dessa tirada, fez-se um longo silêncio, interrompido por um “percebeu?” tão tardio que nem merecia resposta.

Bastou uma observação de Alice sobre a verdade revelada pela arte. Podia ser qualquer tema: a lentidão das obras preparatórias para a Copa do Mundo no Brasil, os embates entre o Supremo Tribunal Federal e o Legislativo, o novo penteado da apresentadora do *Jornal Nacional*, as possibilidades de Neymar no Barcelona, os novos recordes de temperatura no mundo, qualquer coisa servia. Mas trocar ideias sobre um assunto ao mesmo tempo leve e profundo foi o que lhe ocorreu. Tudo o que pretendia era resgatá-lo da mudez em que se entrincheirava. Deu certo. A palavra “verdade” acionou algum botão que o fez vagar entre ética e filosofia por surpreendentes 87 segundos, a ponto de esquecer o estopim da conversa.

Hermano fala pouco. Sempre foi assim, por temperamento e cautela. Pensa muito, pelo menos aparenta pensar enquanto não emite sons. E, quando fala, o faz como quem

tritura cada sílaba, com voz pouco projetada, espremida entre os dentes, arenosa. Não que lhe falte assunto, tem conteúdo acima da média, extraído de fartas leituras, mas sucumbe à rigorosa seletividade interna. Não que lhe falte humor, apenas custa a demonstrar isso, e tão raras são suas tiradas que a surpresa com que colhe os ouvintes torna-o mais engraçado do que normalmente seria. Um sujeito facilmente definível como travado, ensimesmado. Às vezes parece ser mais que uma pessoa. Duas, talvez três. Pensamento mais maduro do que lhe autorizam os 35 anos de vida precocemente agrisalhados. Gestual suave, contrastante com a secura dos traços e a musculatura firme cultivada por uma certa regularidade nos exercícios físicos, a compensar a estatura quase baixa. Um aspirante a sábio pós-moderno, com distintivo no bolso e pistola na cintura. Pistola virgem, de que se orgulha jamais ter lançado mão nos dez anos em que a possui, qualificando-a como o mais prescindível dos seus instrumentos de trabalho. “Sou um ecopolicial”, proclama orgulhoso, mais repetidamente do que a paciência de seus ouvintes tende a suportar. “Em vez de chumbo, disparo pensamentos. Em vez de pólvora, queimo fosfato. Energia boa, não poluente e renovável.”

Diante dele, na pequena mesa da sala, Alice refletia sobre as palavras que acabara de ouvir, renunciando ao que realmente gostaria de externar, enquanto observava os fragmentos de verdade que lhe escapavam pelos cantos dos olhos. Alguma coisa o incomodava naquela noite, e era maior do que os incômodos percebidos em noites anteriores, talvez maior que os incômodos carregados pela própria Alice, devidamente sufocados, de cuja existência Hermano nem sequer desconfiava. Alguma coisa discursava no estrogonofe de soja

mastigado além do necessário e engolido com dificuldade, na fixação da retina num ponto perdido da parede azul, quase a ignorar a presença da mulher que se esmerava em atenções, alguma coisa sinalizava angústia por trás do torpor de seus gestos. Extremamente conflitante com a alegria da antevéspera, quando comemoraram com champanhe e torta de nozes, ao som de Lou Reed, dois importantes aniversários: um ano de ajuntamento no Cafófo do Catete, título outorgado ao recém-adquirido quarto e sala que dividiam no tradicional bairro carioca, e a conquista viabilizadora de todas as outras – gloriosos três anos limpos de drogas.

– O que foi? – perguntou ela, cedendo às inquietações que comichavam em sua alma.

– O que foi o quê? – reperguntou ele após a deglutição da última garfada.

– Sei lá, tá com um olhar estranho, meio perdido. Aconteceu alguma coisa? – especificou ela, colocando mais ternura do que cobrança na voz.

– Nada – mentiu ele.

Desde que se conheceram na clínica de recuperação de viciados, onde juntos vivenciaram tanto as síndromes de abstinência quanto o poder curativo da solidariedade, Alice aprendeu que o “nada” de Hermano não significava nada. Era um pedido de tempo para a fermentação de conclusões carentes de amadurecimento, não exatamente uma resposta.

O dia fora especialmente pesado para ele. Designado pelo delegado Belchior Dias Ferreira, titular de sua unidade, para investigar o que classificou como a ocorrência mais cabeluda que já havia passado por aquela Divisão de Homicídios, lá se foi Maninho, acompanhado pela investigadora Jaqueline

e o perito Tomás, para o apartamento do deputado federal Marcílio Tavares, um dos envolvidos no escândalo do desvio de verbas para as vítimas das enchentes na região serrana do Rio, cujo cadáver, encontrado pela faxineira minutos antes, parecia extraído de um filme de terror.

O local do crime não estava encharcado de sangue como costumam ser os cenários de assassinatos, melhor se estivesse. No ambiente exageradamente povoado de arte barroca do apartamento da rua Hilário de Gouveia, onde o deputado morava sozinho quando semanalmente regressava de Brasília, a única mancha que havia era de café no tapete que demarcava a área do *home theater*. Apenas uma luminária tombada perto do sofá maior, com cacos de vidro ao redor, dava conta de ter havido alguma luta ou acidente antes da execução. A luz da manhã, filtrada pelas cortinas roxas de tecido acetinado, projetava-se com misteriosa suavidade sobre os três quadros clássicos que adornavam a sala, e parecia produzida sob encomenda para realçar o elemento dominante: a figura desnuda do deputado suspensa no ar como um pássaro em início de decolagem, com braços e pernas amarrados num “x” de homem vitruviano, uma dor indescritível estampada no rosto, e um insistente cheiro de churrasco a despertar apetites inconvenientes, repugnantes. Do ânus chamuscado da vítima escorria um prurido sanguinolento onde flutuavam pequenas porções de excremento discretamente fumegantes que lhe desciam pelas pernas, gotejando sobre o bem-cuidado assoalho de parquet. Impunha-se aos que ali entravam (PMs, equipes da circunscrição da ocorrência e médicos) um acordo tácito de redução de ruídos, como se corresse o risco de despertar o morto, como se qualquer movimento mais brus-

co significasse sacrilégio. Apenas uma mosca-varejeira, atraída pelas impurezas que escapavam do corpo suspenso, insistia em desrespeitar o ritual, zumbindo de um lado para o outro, sem plano de voo nem noção de onde pousar.

Alinhada com o estilo antigo da construção, a sala, de quatro ambientes ricamente decorados, emoldurava a passagem para a mesa de jantar com colunas jônicas, usadas pelos assassinos como suporte para as cordas que içavam o estandarte humano à sua posição de absoluta vulnerabilidade.

Esquadrinhados os espessos tapetes que atestavam a inexistência de alergias no finado morador, vistoriadas as múltiplas almofadas entre sedosas e aveludadas que guarneciam os quatro sofás e as duas poltronas da sala, analisados cada um dos inúmeros objetos decorativos ou de uso pessoal de todos os cômodos do apartamento, revirados colchões, travesseiros, gavetas e armários, especialmente os que haviam sido remexidos pelos criminosos, pesquisados resíduos alimentares, tecidos de todos os gêneros, pelos, impressões digitais, fotografado cada centímetro do local e do corpo nos variados ângulos possíveis, finalmente a vítima foi desamarrada e levada para o Instituto Médico-Legal. Hora de abrir caminho pela pequena multidão rapidamente formada diante do prédio, ávida por informações em primeira mão e engordada por numerosos representantes da imprensa.

O laudo pericial, divulgado dois dias depois, pouco teria a acrescentar ao que os policiais constataram nos primeiros minutos de observação: o deputado Marcílio morrera em consequência de carbonização total do intestino, rins, bexiga,

duodeno, pâncreas, fígado, apêndice, vesícula, baço, próstata e reto, além da carbonização parcial do estômago, esôfago, diafragma e pulmões, por ação da chama expelida por um instrumento que tudo indicava ser um maçarico, introduzido em seu corpo por via anal. Se quisessem resumir, poderiam dizer que Marcílio Tavares morreu de dor, uma dor deformante, enquanto suas vísceras eram flambadas. Na cabeça dos que presenciavam a cena, a pergunta mais recorrente era: quanto tempo de sofrimento teria ele suportado antes de morrer?

Pela primeira vez em sua carreira policial, Hermano teve que se esquivar dos jornalistas e enfrentar o bombardeio de perguntas e cliques disparados a esmo. Às perguntas, rebateu com um genérico e automático “nada a declarar”. Todos questionavam mais ou menos as mesmas obviedades, exceto uma voz feminina não identificada – a única a ressoar em seus ouvidos – que se referiu a uma tal bancada das armas no Congresso. Das câmeras, entretanto, não conseguiu escapar.

Alice, que havia passado a tarde em seu curso de artes plásticas, estava totalmente desinformada da situação. Somente ao ligar a televisão depois do jantar, zapear um pouco, estacionar num canal de notícias e se deparar com a imagem do namorado passando aturdido pela tela, tomou consciência da proporção do tema que o perturbava.

– Acho que estou começando a captar certas coisas – disse num jeito quase cantado, tentando dar o melhor colorido possível à observação.

– Você não faz ideia.

– Morte horrível! – ela comentou, após ouvir a descrição apresentada no noticiário.

– Não consigo imaginar nada pior. Olhos esbugalhados, dor em forma de gente. O diabo vai ficar sem assunto na hora de recepcionar o coitado.

– O inferno são os outros... – balbuciou Alice, sem saber exatamente por que dizia aquilo.

– Sartre.

– Quem?

– Foi Sartre quem disse isso... sobre o inferno... não foi?

– Sei lá.

– Às vezes penso outra coisa.

– O quê?

– O inferno é dentro da gente.

Hermano se emociona com facilidade, mas disfarça bem. Normalmente controla seus impulsos, fazendo-se de durão quando necessário, porém não escapando de denunciar sua sensibilidade ao usar palavras e construções de frases colhidas em sua interação constante com a literatura em geral, e a poesia em particular. Não por acaso, é conhecido entre os colegas como Poeta, apelido que acabou prevalecendo sobre Filósofo, por ser mais divertido e curto.

– Alguma pista? – Alice fez a pergunta que ele ouvira dezenas de vezes durante o dia.

– Reviraram gavetas, levaram o laptop, o celular... parece que procuravam alguma coisa, devem tê-lo torturado por isso, ou talvez tenham mexido nos objetos do cara só pra nos confundir, ou pra eliminar pistas de seus contatos anteriores,